

## **Os interesses das indústrias de armas e energia dos EUA no conflito da Ucrânia: guerra híbrida e manipulação da informação<sup>1</sup>**

Anna Letícia Gomes de AZEVEDO<sup>2</sup>  
Camilo Pereira Carneiro FILHO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Em 24 de fevereiro de 2022 a Rússia deu início à ocupação do território ucraniano, motivada pela aproximação da OTAN com esse país. Naquela altura, a mídia ocidental abordava o tema com certo alarme. Uma narrativa que não vinha acompanhada de uma análise crítica e completa dos fatos, além de deixar de esclarecer os reais interesses que cercam o conflito. Dessa forma, o presente artigo realiza uma pesquisa qualitativa, pautada em análise bibliográfica, que elenca os resultados alcançados pelas grandes indústrias de armas e energia estadunidenses conquistados por meio da guerra híbrida que se deflagrou em meio à invasão do território ucraniano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rússia; Ucrânia; EUA; Energia; Agências noticiosas.

### **INTRODUÇÃO**

Para Chomsky (2023), a Rússia é o parceiro comercial mais natural para a Europa, em se tratando do fornecimento de gás, petróleo e minerais, e esta relação incomoda os EUA. Dessa forma, o presente artigo traz uma análise geopolítica dos desdobramentos da ocupação russa no território ucraniano em 24 de fevereiro de 2022, considerando a teoria geopolítica de Mackinder e a importância da localização estratégica da Ucrânia.

O texto descortina a principal motivação da ocupação russa, que fora desencadeada após a veemente aproximação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) com a Ucrânia, seu país vizinho, com o qual mantém laços históricos, culturais e econômicos. O artigo também pontua acerca das principais empresas energéticas americanas (Exxon e Chevron) que destinaram considerável quantia de investimentos ao partido Democrata, do atual presidente estadunidense Joe Biden, na última eleição norte-americana. Além disso, também é evidenciado que os EUA tem se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Jornalismo e a cobertura de conflitos contemporâneos), evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 5 a 7 de junho de 2024.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 7º semestre do Curso de Jornalismo da FIC-UFG, e-mail: annaazevedo@discente.ufg.br.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Bacharelado em Geografia do IESA-UFG, e-mail: camilo.pereira@ufg.br.

projetado como o maior exportador de armas do planeta, tomando grande distância do segundo colocado no ranking, a Rússia.

Da mesma forma, o país é o principal exportador de material bélico para o território europeu nos últimos anos. Isso posto, elementos-chaves para que a guerra híbrida tenha se concretizado, são as agências de notícias. Como atores construtores da verdade, que estão fortemente interligados aos países ocidentais, estes vêm atuando como transformadores sociais.

Face ao exposto, este trabalho elenca os resultados alcançados pelas indústrias de armas e energia estadunidenses conquistados por meio da guerra híbrida que se deflagrou no território ucraniano. Por sua vez, no tocante à metodologia, este artigo configura uma pesquisa qualitativa, básica, pautada em análise bibliográfica, sob a ótica da Geografia Política e da Comunicação.

## **FINANCIAMENTO DE CAMPANHAS POLÍTICAS**

“A propaganda política está para a democracia assim como o porrete está para um Estado totalitário” (Chomsky, 2013, p.21). De acordo com este pensamento, a propaganda política direciona a população. Em relação a esta perspectiva, vale ressaltar a análise sobre os investimentos empregados nas últimas eleições presidenciais dos EUA. Conforme dados divulgados pela Reuters (2020), estão as duas maiores empresas de energia dos Estados Unidos, Chevron Corp CVX.N e Exxon Mobil Corp que aumentaram sua participação nas doações de campanha aos democratas, partido do atual presidente Joseph Robinette "Joe" Biden Jr, em 2020.

As grandes empresas petrolíferas colocaram mais dinheiro nos cofres democratas, uma vez que algumas sondagens mostram o desafiante democrata Joseph Biden com uma vantagem de até 10 pontos percentuais e uma plataforma que apela à transição da nação para mais energias renováveis e o fim das novas licenças de fracking no governo federal.

A Chevron contribuiu com cerca de 28% dos seus fundos políticos para candidatos Democratas neste ciclo, contra 26% em 2016. A Exxon enviou 41% das suas contribuições para candidatos e partidos Democratas, acima dos 32,6% na última eleição presidencial, mostraram os dados. Os gastos de 4,9 milhões de dólares da Chevron destinam-se a “apoiar a eleição de candidatos que acreditam, como nós, no valor do desenvolvimento responsável do petróleo e do gás natural e em organizações e medidas que estejam alinhadas com os nossos interesses comerciais”, disse o porta-voz

Sean Comey. A Exxon gastou US\$ 1,7 milhão em contribuições para todos os candidatos e grupos políticos (Reuters, 2020).

## **EXPORTAÇÃO DE PODERIO BÉLICO**

De acordo com o relatório SIPRI (2023), as exportações de armas dos EUA cresceram em 14% entre 2013–17 e 2018–22 e sua participação no total das exportações globais de armas aumentou de 33% a 40%. Assim sendo, o país enviou armas a 103 Estados no período 2018-22, 148% a mais do que os envios da Rússia (segundo maior exportador) no mesmo intervalo de tempo. Desse total, 41% foi direcionado ao Oriente Médio e 23% para a Europa, um acréscimo de 11% quando comparado com o período 2013-2017.

Na mesma direção, o volume das exportações de armas importantes dos EUA para a Ucrânia aumentou acentuadamente em 2022. No entanto, como os fornecimentos à Ucrânia envolveram sistemas relativamente menos avançados e principalmente equipamento militar de segunda mão, proveniente de estoques dos EUA, o nível das exportações para a Ucrânia em 2022 ainda ficou abaixo dos níveis enviados para outros quatro Estados naquele ano — Kuwait, Arábia Saudita, Catar e Japão —, que receberam novas armas avançadas, como aeronaves de combate e sistemas de defesa aérea (SIPRI, 2023).

Conforme o relatório SIPRI (2023), no período 2018-22 a Rússia entregou armas importantes a 47 Estados e foi responsável por 16% do total das exportações globais de armas. O baixo volume de entregas pendentes de armas importantes provenientes da Rússia indica que as suas exportações de armas provavelmente continuarão a cair nos próximos anos. Nesse sentido, o relatório aponta que o poderio bélico russo está sendo fortemente empenhado na ocupação do território ucraniano, o que tem diminuído suas exportações e relações comerciais neste setor.

## **GUERRA DE INFORMAÇÃO**

Segundo Chomsky (2013), a construção social estabelecida atualmente divide a sociedade em duas classes, uma formada por homens levados à educação especializada, formadores de opinião e detentores da verdade, que vão trabalhar com e para os donos da sociedade, e outra, como um rebanho desorientado. Desse modo, o rebanho desorientado representa uma parte da população mundial que é, de modo geral, pacifista e não tem motivos naturais para se envolver em aventuras externas, mortes e tortura.

Sendo assim, essas precisam ser instigadas para o envolvimento nesses conflitos. E, partindo desse pensamento, são construídas as propagandas que formam a opinião popular acerca de um pensamento. Não obstante, essa sensação de medo deve ser direcionada e modificada com o passar dos anos, porém continuamente, nunca criando um espaçamento entre a criação de um inimigo ou outro. Corroborando este entendimento, Chomsky (2013) preconiza que a propaganda política bem direcionada e com a aceção da classe especializada da sociedade funciona bem e atinge seus objetivos.

## **FORMAÇÃO DA VERDADE**

As agências noticiosas são empresas privadas que atendem a veículos de comunicação espalhados por todo o mundo, produzindo conteúdo de notícias que vão ser repassados como informação ao público. Silva Júnior (2004) já pontuou acerca da relação entre as agências de notícias e jornais locais. Esta ocorre pela vinculação e dependência no estabelecimento do recorte noticioso, sobretudo, devido a um enorme fluxo de informação envolvendo estruturas de processamento e distribuição como atores dos desdobramentos diretos e indiretos para o cenário internacional das notícias.

Esperidião (2011) afirma que as agências Associated Press, Reuters, Agence France-Presse (AFP) e EFE controlam entre 70% e 90% das notícias distribuídas aos veículos de comunicação do planeta. De acordo com Pasti e Silva (2015), agências noticiosas vendem seus produtos a grandes conglomerados de comunicação ao redor do mundo, algumas conseguindo maior alcance e projeção global. Desse modo, ilustrando um cenário em que essas produtoras de conteúdo têm maior divulgação de sua “visão” perante a opinião pública de inúmeros Estados.

Nesse sentido, Nelson Traquina, em seu livro *Teoria do Jornalismo. volume 1, Porque as notícias são como são*, pontuou acerca das teorias do jornalismo, dentre estas está a Teoria Construcionista, que concebe a concepção de que as notícias contribuem com a construção da realidade. “[...] atualmente, a Reuters fornece textos em 19 idiomas, com especialidade em informações financeiras — funcionando tanto como uma agência de notícias, quanto como uma agência especializada nesse ramo” (Pasti; Silva, 2015, p.160). Essa se faz presente no Brasil, com escritórios em São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. O trabalho dos jornalistas é organizado nas seguintes editorias: empresas, mercado e macroeconomia, *commodities*, geral e política (mundo, cultura e esportes), contemplando entretenimento e manchetes.

Assim, empresas da chamada “mídia ocidental”, como a Agence France-Presse, Associated Press e Reuters, se projetam como gigantes da mídia, uma vez que produzem narrativas ao redor do mundo e vendem seus produtos a grandes veículos de comunicação. Desse modo, favorecendo a opinião que estas instituições decidem reproduzir como ideal de verdade. De acordo com Esperidião (2011), o aparecimento das agências confirma uma das mais visíveis manifestações da globalização.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Pode-se pontuar dois principais efeitos que se tornaram convenientes após o estopim da ocupação russa da Ucrânia: uma corrida armamentista — que já demonstra lucros significativos para empresas dos EUA — e o acúmulo de riquezas destinado à empresas ocidentais de energia.

Como Noam Chomsky resumiu em entrevista a Anne Guion (La Vie, 2023), a ofensiva russa afastou o país da União Europeia. Dessa forma, prejudicando as suas relações econômicas com a Europa ocidental, que recorreu aos EUA para obtenção de gás e petróleo, antes fornecidos, em sua maioria, pela Rússia. O que coroou o país norte americano com a obtenção do resultado desejado ao tomar um lado no conflito entre Rússia e Ucrânia, conquistando parte significativa dos mercados europeus de armas e energia. Outra face, acentuada neste trabalho, fora a guerra de narrativas, possibilitada pela influência mundial das agências noticiosas.

Conforme Chomsky (2013), a construção social estabelecida atualmente divide a sociedade em duas classes, uma formada por homens levados à educação especializada, formadores de opinião e detentores da verdade que vão trabalhar com e para os donos da sociedade e outra como um rebanho desorientado, que uma parte da população mundial que é modo geral pacifista e não tem motivos naturais para se envolver em aventuras externas, mortes e tortura.

Desse modo, utilizando-se da estratificação social concebida por Chomsky, são construídas as verdades que formam a opinião popular acerca de um pensamento, que deve manter a população amedrontada e assustada para não poder pensar e questionar temas que envolvem interesses de grupos de poder. Assim, as propagandas políticas bem direcionadas e com a aceção da classe especializada são aceitas socialmente, atingindo seu objetivo. Hoje, esta realidade é ilustrada pela influência que as agências noticiosas exercem.

Conforme Esperidião (2011), as agências Associated Press, Reuters, Agence

France-Press (AFP) e EFE produzem a esmagadora maioria das notícias distribuídas aos veículos de comunicação do planeta. Por fim, Pasti e Silva (2015) afirmam que essas vendem seus produtos a grandes conglomerados de comunicação ao redor do mundo, definindo o que é visto e o que é noticiado em larga escala, mantendo a sociedade a mercê de uma ideia reproduzida por empresas ocidentais.

## REFERÊNCIAS

CHOMSKY, N. *Mídia: Propaganda Política e Manipulação*. São Paulo: WMF Martins Fontes Ltda, 2013.

ESPERIDIÃO, C. S. *Gigantes do telejornalismo mundial: mutações editoriais e tecnológicas das agências internacionais de notícias*. Tese (Doutorado em Processos Comunicacionais). Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo: UMESP, 2011.

ESTOCOLMO INTERNACIONAL INSTITUTO DE PESQUISA PARA A PAZ. SIPRI Yearbook 2023: Armaments, Disarmament and International Security. Estocolmo: Oxford University Press, 2023.

GUION, A. *Ukraine : à qui profite la guerre ?*. La Vie. 13 mar de 2023. Disponível em: <https://www.lavie.fr/actualite/ukraine-a-qui-profite-la-guerre-87405.php>. Acesso em: 20 de mar de 2023.2023.

HAMPTON, L. *As grandes petrolíferas dos EUA oferecem mais dinheiro de campanha aos democratas à medida que a batalha do frack se aproxima*. Reuters. GMT. 16 out 2020. Disponível em: <https://reuters.com/article/us-usa-election-oil-donors-idUKKBN27116P/>. Acesso em: 20 jul 2023.

PASTI, A. SILVA, A. M. B. *A indústria de notícias e o território: Thomson Reuters e os círculos de informações no território brasileiro*. In: MOREIRA, Sônia Virgínia. *Indústria da Comunicação no Brasil: Dinâmicas da Academia e do Mercado*. Rio de Janeiro: UERJ; São Paulo: Intercom, 2015. p. 149-168.

SILVA JUNIOR, J. *O transnacional e o local no jornalismo na web: problematizando as relações entre as agências de notícias e os portais locais*. Anais do II Encontro Nacional dos Pesquisadores em Jornalismo. Salvador, 2004. Disponível em: [https://facom.ufba.br/jol/pdf/2004\\_silvajr\\_transnacional\\_local.pdf](https://facom.ufba.br/jol/pdf/2004_silvajr_transnacional_local.pdf). Acesso em: 12 de jun. de 2023.

SOUSA, J. P. *Uma história crítica do fotojornalismo ocidental*. Porto: Grifos, 2000.